

O saber gay¹

Gay knowledge

Michel Foucault

RESUMO:

Entrevista de Michel Foucault a Jean Le Bitoux em julho de 1978, não incluída em *Dits et Écrits*.

Palavras-chave: prazer, desejo, homossexualidade, felicidade.

ABSTRACT:

Michel Foucault's interview with Jean Le Bitoux in July 1978 , not included in Dits et Écrits.

Keywords: pleasure, desire , homosexuality, happiness.

FOUCAULT, Michel (2015). O saber gay. Tradução de Eder Amaral e Silva e Heliana de Barros Conde Rodrigues. *Revista Ecopolítica*, n. 11, jan-abr, pp. 2-27.

Recebido em 6 de abril de 2015. Confirmado para publicação em 29 de abril de 2015.

¹ O título original (*Le gay savoir*) alude, por homofonia, ao célebre livro de Friedrich Nietzsche, *A gaia ciência* (*Le gai savoir*, em francês). Trata-se de uma entrevista concedida por Michel Foucault a Jean Le Bitoux em julho de 1978, não incluída em *Dits et Écrits*. O projeto do entrevistador era publicá-la no primeiro número do periódico *Gai Pied*, apoiado por Foucault em um momento no qual muitas publicações homo tinham sido proibidas pelo governo francês. Apareceu pela primeira vez em tradução holandesa. Jean Le Bitoux, por sua vez, a publicou inicialmente em *Mec Magazine*, 1988. Nova transcrição foi editada em *La revue h*, outono de 1996. Essa é a versão que serve de base à presente tradução, realizada por Eder Amaral e Silva e Heliana de Barros Conde Rodrigues, e extraída da coletânea LE BITOUX, Jean. *Entretiens sur la question gay*. Béziers: H&O Éditions, 2005, pp.45-72 [N.T.].

Julho de 1978

A captura histórico-política da homossexualidade — Juízes, confessores e médicos — Escapar aos novos discursos — Desejo e prazer — A masturbação como interdito maior — A colonização da infância — Homossexualidade e feminilidade — A origem da intolerância — Saunas e boates homossexuais.

A que se deve o fato de o primeiro volume sobre a história da sexualidade ser, entre os seus livros, aquele que você pensa ter sido o mais incompreendido?

(Longo silêncio.) É difícil dizer se um livro é bem ou mal compreendido porque, afinal, talvez quem o escreveu é que o tenha compreendido mal. Não seria o leitor, portanto, quem o teria compreendido bem ou mal. Não acho que o autor deva ditar a lei sobre seu livro. Eu diria, em todo caso, que me surpreendi com a maneira como ele foi recebido por algumas pessoas. Porque me parecia que já havíamos chegado a uma situação na qual era possível retomar um pouquinho essas noções muito utilizadas, muito sobrecarregadas, muito gastas também, como a de repressão, por exemplo, e que era preciso ver igualmente o que isso significava e, sobretudo, como se poderia fazê-las funcionar hoje numa situação e no interior de um combate, de um debate que, nesse sentido, mudou de forma nos últimos vinte anos.

Creio que as coisas se acomodaram agora e que, digamos, um primeiro efeito de surpresa foi anulado. Dito isso, o efeito de surpresa estava ligado, talvez, ao simplismo de minhas posições precedentes (risos) e ao fato de ter sido possível associar-me sem maiores problemas a uma concepção um pouco “escoteira”² da luta contra toda forma de repressão, qualquer que fosse e onde quer que fosse. Penso que houve uma espécie de pequeno efeito de “foto tremida”, se assim preferir, quanto a posições que me atribuíram ou que eram as de outras pessoas.

² Em inglês (*boy-scout*) no original [N.T.].

Certos militantes homossexuais viram no livro uma crítica total da necessidade de uma luta em torno da homossexualidade. O que você pensa desse tipo de luta? Não haveria, em sua obra, um aniquilamento desse tipo setorial de luta a partir do momento em que você critica a palavra homossexualidade e sua conotação utilizada socialmente?

Bom, nesse caso, com efeito, creio que é necessário ser muito preciso. A noção de homossexualidade data do século XIX e é, portanto, bastante tardia. Penso que não é simplesmente a noção que é tardia. Eu diria que o recorte, entre todas as práticas sexuais, todas as formas de prazer, todos os tipos de ligação que possamos ter uns com os outros, o recorte da região homossexual data em parte dessa mesma época. Por exemplo, no século XVIII, e ainda no início do século XIX, as pessoas experimentavam suas relações com o corpo, com os outros, experimentavam sua liberdade mais como uma libertinagem do que como uma espécie de caracterização precisa de um comportamento sexual ligado a uma psicologia, a um desejo. Logo, homossexualidade, categoria tardia.

Que essa categoria de homossexualidade tenha sido retomada nas lutas que tiveram lugar, a partir do século XIX, contra certa forma de moral, contra uma legislação, contra uma jurisprudência, é incontornável. Basta ver a noção de homossexualidade em 1870 e, se você quiser, ver que o grande debate sobre a homossexualidade e contra a segregação dos homossexuais ganha impulso nos vinte anos que se seguem, para notar que há um fenômeno absolutamente correlativo: quiseram aprisionar as pessoas nessa noção de homossexualidade e, muito naturalmente, elas revidaram. Foi o que ocorreu com Gide, com Oscar Wilde, com Magnus Hirschfeld, etc.

Logo, quando mostro o caráter histórico dessa noção de homossexualidade, não é para dizer que vocês se enganaram ao lutar contra ela. Digo, ao

contrário, que era mesmo preciso lutar, porque essa noção era a captura histórico-política que se tentou estabelecer quanto a uma forma de experiência, uma forma de relação, uma forma de prazer que se queria excluir. Agora, mais do que a homossexualidade, penso que atualmente a própria noção de sexualidade deve ser verdadeiramente reavaliada, ou melhor, deve-se fazer dela uma nova avaliação.

De certa forma, foi absolutamente indispensável, nas lutas precedentes, tomá-la a sério. E dizer: temos diante de nós, ou acima de nós, médicos, pedagogos, legisladores, adultos, pais etc., que falam da sexualidade. Que seja, se vocês querem falar disso, falemos. E vamos fazer valer os direitos à sexualidade. Está muito bem. Isso não quer dizer que os direitos da sexualidade sejam todos reconhecidos. Digamos que, em todo caso, o combate simultaneamente se ampliou e se solidificou.

Creio que agora será preciso, de algum modo, dar uma espécie de salto para trás, o que não quer dizer recuo, mas retomada da situação em escala mais ampla. E se perguntar, então: mas, no fundo, o que é essa noção de sexualidade? Porque, se ela nos permitiu lutar, também carrega consigo certo número de perigos. Há todo um psicologismo da sexualidade, todo um biologismo da sexualidade e, conseqüentemente, toda uma captura possível dessa sexualidade por médicos, por psicólogos, pelas instâncias da normalização. Não seria necessário, então, fazer valer, contra essa noção médico-biológico-naturalista da sexualidade, uma outra coisa? Os direitos do prazer, por exemplo?

E assim escapar a um novo discurso que...

E escapar a um novo discurso que, de algum modo, se constitui no próprio rastro dos movimentos de liberação. Falando de outro modo, não é preciso somente liberar sua sexualidade, também é preciso liberar-se

do Dr. Meignant³. Aí está. Quer dizer, liberar-se inclusive dessa noção de sexualidade. Esse é, mais ou menos, o movimento que tentei esboçar. Que não é, pois, uma ruptura absoluta com as lutas, mas, ao contrário, uma simples sugestão no intuito de ampliar as lutas, por uma espécie de mudança de fundo, de mudança de eixo em relação às lutas.

Caso contrário, é uma simples luta setorial que se consome a si própria, com suas próprias palavras.

Exatamente. Creio, por exemplo, que é muito difícil lutar nos termos da sexualidade sem que, em dado momento, se seja apanhado na armadilha por noções tais como doença da sexualidade, patologia da sexualidade, normalidade da sexualidade. Daí a necessidade de colocar o problema de outra forma. Eis porque, de uma maneira que atualmente está apenas em esboço, para a qual não tenho ainda conteúdo, adiantaria um pouco, se assim preferir, o tema do prazer. Parece-me que ele escapa às conotações médicas, naturalistas e que carregam junto com elas a noção de sexualidade. Não há, no fim das contas, prazer “anormal”, não há “patologia” do prazer.

E o prazer é indiscutível em si mesmo.

Exato. Era um pouco esse o movimento do livro. E creio que agora os leitores restabeleceram esse sentido.

À primeira vista, era uma afirmação surpreendente.

É certo. E, de todo modo, não havia qualquer crítica aos movimentos precedentes, mas, sobretudo, a constatação de uma situação histórica,

³ O Dr. Meignant foi um vulgarizador da noção de sexologia e fundador da revista *Union*, vendida em bancas de jornais.

a constatação de que um combate não pode se perpetuar sempre nos mesmos termos, caso contrário ele se esteriliza, se imobiliza, sucumbe a armadilhas. Logo, uma mudança de frente de batalha. E, conseqüentemente, uma mudança de vocabulário. A mudança de objetivos é também absolutamente indispensável.

Uma pergunta muito mais ampla: a partir do que você percebe as relações sociais como uma circulação permanente e imperativa do desejo?

O que você quer dizer com isso?

O desejo que passa pela sociedade é fagocitado. Quando o prazer não se faz prazer senão para si próprio, a sociedade se sente posta em questão, excluída. Nesse momento, as relações sociais não estão mais alienadas aos papéis, aos imperativos da sociedade.

Uhhh... Suponho que a questão gira em torno dessa noção de desejo. Também nesse caso, se assim preferir, creio que o problema “prazer-desejo” é atualmente um problema importante. Em todo caso, eu diria mesmo que este é, por excelência, o problema a ser debatido nessa reavaliação, nessa renovação de instrumentos, objetivos e eixos de luta.

É um problema de tal modo difícil que acredito que seria necessário falar dele prolongadamente, fazer toda uma discussão a respeito. De modo esquemático, diria que a medicina e a psicanálise se serviram muito dessa noção de desejo, precisamente como uma espécie de instrumento de inteligibilidade, por conseguinte, de padronização em termos de normalidade, de um prazer sexual: dize-me qual é teu desejo e te direi quem és, te direi se és doente ou não, te direi se és normal ou não e, em consequência, poderei desqualificar teu prazer ou, ao contrário, requalificá-lo. Isso me parece muito claro na psicanálise. E,

em todo caso, se fizermos a história da própria noção de desejo, desde a concupiscência cristã, passando pelo instinto sexual dos anos 1840, até a noção freudiana e pós-freudiana de desejo, creio que veremos muito bem como essa noção funciona.

Decerto o uso que Deleuze e Guattari fazem da noção de desejo é inteiramente diferente⁴. Porém, meu problema é o de saber, através dessa palavra, se, malgrado a diferença de sentido, não nos arriscamos a deixar que se reintroduza, mesmo contra a vontade de Deleuze e Guattari, algo como essas capturas médico-psicológicas que o desejo, no sentido tradicional, trouxera com ele. Ao passo que me parece que ao utilizar a palavra prazer, que no limite não quer dizer nada, que está ainda suficientemente vazia de conteúdo e virgem de utilização possível, não tomando por prazer, afinal, senão um acontecimento, um acontecimento que se produz, e que se produz, diria eu, fora do sujeito, ou no limite do sujeito, ou entre dois sujeitos, nessa coisa qualquer que não é nem do corpo nem da alma, nem exterior nem interior, quem sabe teríamos, ao procurar refletir sobre essa noção de prazer, um meio de evitar toda a armadura psicológica e médica que a noção tradicional de desejo carregava?

Tudo isso são interrogações. Não insisto fundamentalmente na noção de prazer, mas sou claramente hostil à noção pré-deleuziana, não deleuziana, de desejo. Digamos que isso é da ordem da precaução metodológica. O essencial é essa noção de acontecimento não atribuído e não atribuível a um sujeito. Ao passo que a noção, digamos, novecentista de desejo é primária e fundamentalmente vinculada a um sujeito. Não é um acontecimento, é uma espécie de permanência característica de acontecimentos de um sujeito que, nesse sentido, permite precisamente

⁴ Ver *O Anti-Édipo* (Ed. De Minuit, 1972), escrito por Deleuze e Guattari. Deleuze prefaciará uma obra de G. Hocquenghem, ao passo que Guattari será processado, em 1973, pelo número especial sobre a FHAR (Frente Homossexual de Ação Revolucionária) da revista *Recherches*, da qual era o diretor.

fazer uma análise do sujeito, uma análise médica do sujeito, uma análise judiciária do sujeito. Dize-me qual é teu desejo, eu te direi quem és como sujeito.

Por que lhe parece que a masturbação, mais que o incesto, foi o tabu maior no nível da sexualidade da família burguesa do século XIX?

A masturbação, com efeito, me parece um ponto-chave. Porque é a partir do interdito da masturbação, para a criança, que se instaura a relação de constrangimento quanto à sexualidade. Ela vive seu corpo, vive seu prazer, sob o signo da interdição na medida em que se acha interdito esse prazer imediato de seu corpo e essa fabricação de prazer de seu próprio corpo que é a masturbação.

Em segundo lugar, a masturbação é, se se quiser, o interdito maior, mas, ao mesmo tempo, foi a partir dela que se constituiu historicamente um saber propriamente dito da sexualidade. Quando se olha como as coisas se passaram, até os séculos XV-XVI, o que se perguntava às pessoas sobre seus desejos, o que se demandava que confessassem de seus desejos eram práticas sempre da ordem da relação. Melhor dizendo, era algo, de certo modo, da ordem da sexualidade jurídica: tu cumpres teu dever conjugal com tua esposa? Tu não enganas tua mulher? Tu fornicas bem com ela, no sentido que o direito da natureza impõe? Tu não o fazes com outro parceiro ou outra parceira? No limite, esse(a) parceiro(a) não seria um animal? Jurisdição relacional do sexo, portanto. Essa jurisdição relacional incide sobre as práticas reais, e não sobre as intenções, ou sobre os desejos, sobre o que se denominava, então, as concupiscências.

Ora, o que se vê aparecer no século XVI, com toda a grande reforma da pedagogia e o que se poderia chamar, se você quiser, a colonização da infância, ou melhor, o recorte da infância como categoria cronológica

especial na vida dos indivíduos, a partir desse momento se vê aparecer nos manuais de confissão, nos tratados de direção da consciência etc., o seguinte problema essencial: “Teu desejo não incide, antes de tudo e essencialmente, sobre ti mesmo?” E é muito curioso ver como, nos manuais de confissão, a questão fundamental não é mais “tu enganas tua esposa?” ou “tu cobiças uma mulher que não é a tua?”. O que a primeira pergunta almeja saber é: “Acontece que te toques a ti mesmo?”. De tal forma que a relação de si a si é o primordial.

E, a partir de então, irá se desenvolver todo um saber que não será o conhecimento, de algum modo, do estatuto jurídico das relações entre sexos, mas o conhecimento da intimidade do próprio sexo em sua gênese, em seus primeiros movimentos, em suas primeiras impressões e nessa relação de si a si. Nessas condições, vai nascer toda uma nova psicologia que não terá mais a ver com o direito dos sexos, mas com a natureza imediata da sexualidade. E é aí que vai nascer, na articulação entre a confissão cristã e a medicina, a própria noção de sexualidade.

A sexualidade vai substituir a concupiscência. A concupiscência era o desejo de uma relação. A sexualidade é qualquer coisa que se tem no interior de si mesmo, uma espécie de dinâmica, de movimento, de perpétua pulsão que se orienta para um primeiro prazer que é o prazer do corpo próprio. Daí a masturbação se situar numa posição estratégica muito importante no Ocidente, por ser a forma primeira de interdito e, historicamente, a forma primeira de problematização da sexualidade. Eis o motivo pelo qual atribuo tanta importância à masturbação. É interessante ver como, tanto entre os católicos como entre os protestantes, na mesma época, séculos XVI-XVII, esse vai ser o problema essencial. Você terá, no século XVIII, toda a grande campanha contra a masturbação das crianças e esse famoso mito, formulado com estardalhaço no fim do século XVII e no começo do século XVIII, que nos diz que a espécie humana se arrisca a desaparecer caso se propague essa doença totalmente nova que

é a masturbação. Por um fenômeno muito curioso, a masturbação é vivida quase como uma epidemia recente que as gerações anteriores não teriam conhecido. Assim, minha hipótese de fato, por um lado, é que o efetivamente novo era que a masturbação fosse problematizada.

Foi essa novidade que, de algum modo, se viu deslocada: pretendeu-se ser nova a masturbação, ao passo que o problema é que era novo. Mas, por outro lado, creio ser preciso acrescentar que na medida em que toda prática pedagógica, todos os jogos de vigilância, de inquietude e de angústia que poderia haver entre as crianças e seus pais começaram a girar em torno desses prazeres solitários, dessa volúpia de si mesmo a si mesmo, o corpo da criança se tornou uma espécie de risco para os pais, logo também para as crianças. Consequentemente, a masturbação de fato se intensificou, pouco importa se em sua prática, mas certamente em seu valor. E se tornou cada vez mais importante o fato de alguém se masturbar ou não.

Tornou-se uma referência.

Tornou-se uma referência e um território em disputa entre os filhos e os pais. Masturbar-se sob o nariz dos pais se tornou, para as crianças, um comportamento muito importante, provavelmente com consequências psicológicas que, em outro momento, o mesmo gesto não possuía. Pode-se dizer que houve, no século XVIII, uma verdadeira fabricação da masturbação, uma verdadeira invenção.

Logo, a homossexualidade não é a primeira invenção do saber médico.

Não, a primeira invenção é a masturbação, ligada ao recorte dessa espécie de realidade nova da sexualidade no que concerne à antiga concupiscência e à relação entre os sexos.

Retomarei minhas perguntas, talvez, em uma ordem diferente. A seguinte concerne aos homossexuais. Por que se pode pensar que o prazer que eles experimentam ao manifestar ternura e felicidade se revela menos aceitável socialmente do que o fato de dizê-lo, ou do que o ato sodomítico?

Bom, acredito que essa pergunta é importante. Não estou seguro de que o que digo seja verdadeiro. Mas minha impressão é que se aceita, em suma, a prática, sodomítica ou homossexual, como quiser. Primeiramente, tolera-se o prazer, mas não se aceita a felicidade. Aceita-se a prática, é um fato constatável. Porque a prática sodomítica não é apenas um fato homossexual, é também heterossexual.

Em segundo lugar, no fundo, por mais rigorosa e puritana que tenha sido a civilização cristã, é evidente que esse rigorismo não poderia funcionar sem certa margem de tolerância, que era sua condição de funcionamento. Do mesmo modo que a delinquência é a condição de funcionamento do sistema penal, do mesmo modo que é porque há crimes impunes que se podem punir outros: se fossem efetivamente punidos todos os delitos, isso não funcionaria mais (risos). Em suma, o ilegalismo faz parte do funcionamento da lei. E, em consequência, as práticas interditas fazem parte do funcionamento da lei que as interdita. Por essa razão se tolera, ou mesmo se aceita, as práticas licenciosas.

Tolera-se os prazeres. Digo que são tolerados porque me pergunto se não há, em sociedades como as nossas, ao menos de alguns anos para cá, uma espécie de ampliação da economia do prazer. Ou seja, são sociedades que admitem todos os desejos, todas as práticas, mas nem todos os prazeres. Há certa qualidade de prazer, certa soma de prazeres que, no fundo, é escandaloso mostrar. Daí que, nesta nova economia do prazer, este alargamento tenha sido, afinal, um pouco indispensável, mas só parcialmente importante. No fim das contas, o prazer passa como

passa a juventude: se é esse o prazer de alguns, que o tenham, não os levará a grande coisa; sabe-se bem que terão bastante dor e tristeza, e que pagarão caro pelo prazer do qual desfrutam; por sua solidão, por suas rupturas, por suas disputas, por seu rancor, por seus ciúmes etc. Prazer que se sabe compensado e, conseqüentemente, não incomoda.

Mas... e a felicidade, justamente? O que poderia fazer com que o prazer não fosse compensado por algo como uma infelicidade fundamental? Aí está o que faz explodir o princípio dessa economia compensada de prazeres, e que é intolerável. Porque se eles não somente fazem, sem se esconder, o que aos demais é interdito; se não somente experimentam o prazer, mas, ainda por cima, nada virá a compensar esses prazeres e a constituir a consequência nefasta dessas práticas interditas, então tudo explode.

Se eles não podem sequer se punir...

Se eles não podem sequer se punir? É por isso, afinal, que eu creio que dois homossexuais, não, dois rapazes que se vê partirem juntos para deitar na mesma cama são tolerados, mas se, na manhã seguinte, eles acordam com um sorriso nos lábios, se tomam pela mão e se abraçam ternamente, e afirmam assim sua felicidade, isso não se perdoa. Não é a partida para o prazer que é insuportável, é o despertar feliz.

Pode-se falar do ato sodomítico. A tolerância se situa no nível da fala. Mas a felicidade não tem palavras. Ela é, pois, indiscutível. Não se pode manobrar o acontecimento que a deflagra. Dizer e nomear se tornam insuficientes. O fato se irradia de si próprio, e aí mesmo se esgota.

Você tem toda razão. Porque, afinal, um desejo, uma prática, em todo caso, sempre poderão ser explicados. Sempre haverá um homo que

terá visto os pais se sodomizarem e, conseqüentemente, sua prática será explicável. Mas... sua felicidade?

É aí que isso se torna muito problemático.

Entre os dois, terá havido prazer. Prazer sim, desde que haja, no fundo, uma angústia. No caso do ato, há o fantasma que funda o desejo sob tal forma. Mas o que há por trás da felicidade? Nossas potências explicativas nada têm a dizer, e é isso que não se tolera. Não há angústia por trás da felicidade, não há fantasma por trás da felicidade.

Observa-se no imaginário⁵ de homossexuais, bem como entre alguns deles, uma aproximação, ou seja, uma identificação, com a feminilidade. Haveria um “devir mulher” na homossexualidade masculina?

(Risos) Se você permite, vou deixar de lado a expressão “devir mulher”. Bem, também aí temos um problema muito importante.

Quero falar não só do imaginário dos homossexuais, mas também dessa identificação, dessa aproximação à feminilidade, como no travestismo.

Sim, mas isso é arquivicomplicado. Não vejo aí grande coisa. Dito isso, há algo que é certo: quando você observa historicamente o que foram as práticas homossexuais, tal como afloraram suas diversas manifestações, é absolutamente exato que a referência à feminilidade foi muito importante – a certas formas, ao menos, de feminilidade. Veja, com efeito, todo o problema do travestismo: ele não esteve forçosamente ligado à homossexualidade, mas esteve ligado a ela em parte, de todo modo.

Eu diria, por outro lado, que o travestismo esteve, de fato, mais

⁵ No original, *dans l’imagerie* [N.T.].

frequentemente ligado à heterossexualidade que à homossexualidade. Quer dizer, um dos grandes lugares de travestismo foi, por exemplo, o exército: mulheres que se vestiam de homem e seguiam assim o exército, levando uma vida de puta ou de mulher desavergonhada ou de mulher voraz (risos). Sociedades como exércitos, conventos, de instituição fortemente monossexual, convocavam o travesti no quadro da heterossexualidade. No fim das contas, todo Querubim é decerto travesti, mas travesti heterossexual, obviamente.

Quando a homossexualidade se tornou essa categoria médico-psiquiátrica, na segunda metade do século XIX, o que me impressiona é que tenha sido imediatamente analisada segundo uma grade de inteligibilidade que foi a do hermafroditismo. O que é um homossexual, ou sob que forma um homossexual entra na medicina senão sob a forma do hermafroditismo? Melhor dizendo, como alguém cujo interesse sexual seria de algum modo desdobrado e que portaria uma espécie de gemelaridade, fazendo dele ao mesmo tempo um homem e uma mulher. Propôs-se a ideia de hermafroditismo psíquico, o que acarretou, como você sabe, todas as espécies de análises (risos) e todas as intervenções de transformação hormonal.

Em seguida, houve essa espécie de jogo muito complicado que fez com que todas as capturas que se tentou operar por intermédio do saber da medicina e da psiquiatria se voltassem contra elas. Somos hermafroditas? Bem, então, sejamos isso! E eu serei ainda mais mulher do que o médico pretende que eu seja. E entre a análise da homossexualidade pela feminilidade secreta e o desafio da bicha louca afirmando-se mulher, há certamente uma correspondência histórica em jogo. Uma resposta pelo desafio do similar. É isso que queres que eu seja? Está bom, eu serei, com efeito, absolutamente parecido com o que esperas, serei mesmo muito mais parecido do que poderias crer, ao ponto em que irás ficar finalmente com o cu na mão (risos).

Isso é muito visível na teoria do terceiro sexo de Magnus Hirschfeld. O pretexto do erro cromossômico ou genético, que vai colocar os limites da réplica desse primeiro movimento homossexual no início do século. Essa identidade, de alguma forma errante, rapidamente abriu flanco à recuperação.

De fato. E aí se vê muito bem a complexidade de todos esses jogos: os médicos, que começam por dizer “mas são hermafroditas; são, pois, degenerados”, e os movimentos homossexuais que retrucam “já que vocês nos consideram uma mistura de sexos, nós temos, portanto, uma sexualidade específica. Seja pela simultaneidade dos dois sexos, seja por um terceiro sexo que consiste em ter dois, nós o somos”.

Daí o fato de os homossexuais se travestirem.

Daí o fato de os homossexuais se travestirem. E, além disso, o fato de os médicos dizerem: “Certo, terceiro sexo, mas isso vai se arranjar com um bom tratamento hormonal, vocês vão ver”. Ao que as bichas loucas replicam: “Mas nós não queremos os vossos hormônios. Ou, se os quisermos, será para nos transformarmos realmente em mulheres. São os hormônios das mulheres que nós queremos.” Rapidamente se assiste, pois, a uma série de movimentos que são estrategicamente analisáveis.

E que se convocam mutuamente.

Exatamente.

E que estão em busca de uma negação de identidade ou de uma nova identidade.

Sim, uma espécie de ziguezague de estratégias que respondem uma à outra e são muito interessantes. O que faz com que essa questão da feminilidade se veja de novo colocada no coração da homossexualidade com muita ambiguidade. Porque ela dá um ponto de apoio à medicina. Porém ela permitiu, mais recentemente, desenvolver um contra-ataque e uma estratégia inversa. E permitiu dizer: “Mas, no fim das contas, essa questão da feminilidade, como ela é tratada em geral numa cultura falocrática como a nossa?”.

Sendo assim, apresentou-se uma possibilidade estratégica de estabelecer relações com os movimentos feministas. E, com efeito, para os homossexuais, o direito de dizer: “Nosso gosto por homens não é outra forma do culto falocrático, e sim uma certa maneira, para nós, que no entanto somos homens, de colocar a questão da feminilidade. De a colocarmos também nós”. Isso era politicamente muito interessante.

O que parece se passar nos Estados Unidos atualmente poderia se assemelhar a uma espécie de movimento de refluxo, um rebatimento sobre o machismo monossexual, no qual os homens exibem todos os sinais de masculinidade para permanecer entre eles. Como se houvesse baixado de novo uma cortina de ferro entre homens e mulheres. Os homossexuais de bigode, peludos, se tornaram o tipo morfologicamente erotizado do homossexual de hoje. É preciso que ele tenha pelo menos 35 anos, que exiba a envergadura de um jogador de baseball, que tenha um enorme bigode e pelos por todo lado. A isso se juntam os capacetes de motociclista, as calças de couro, as jaquetas, as correntes, etc.

Mas, finalmente, quando se olha um pouco mais de perto, o que me surpreende é que todos esses apetrechos, toda essa emblematização da masculinidade, não coincidem, de forma alguma, com uma revalorização do macho enquanto macho. Bem ao contrário, ao abrigo dos olhares e sob o signo desses braços tão masculinos, o que se desenrola são tipos de relações sexuais masoquistas ou de afirmação masoquista,

onde não há qualquer valorização do macho enquanto macho. Nenhuma valorização. Ao contrário, os usos do corpo serão aqueles que podemos definir como dessexualizados, como desvirilizados, seja o *fist fucking*⁶ ou outras fabricações extraordinárias de prazer que os americanos atingem com o auxílio de certo número de drogas ou de instrumentos.

Além do mais, as relações entre esses homens na vida cotidiana, por vezes incluindo práticas de vida sexual comunitária, são ternas e afetuosas. Em suma, utilizam-se os signos da masculinidade, porém nunca para voltar a qualquer coisa que seria da ordem de um falocratismo ou de um machismo, e sim de preferência para se inventar, para se permitir fazer de seu corpo masculino um lugar de produção de prazeres extraordinariamente polimorfos, afastados das valorizações do sexo e, particularmente, do sexo másculo.

Ora, é um pouco isso o que se passa, parece-me, nos movimentos feministas. Veja o que dizem Pascal Bruckner e Alain Finkielkraut em *Le nouveau désordre amoureux* (Grasset, 1976), livro onde há, precisamente quanto ao prazer e a essa necessidade de se afastar da forma viril do prazer comandada pelo gozo no sentido ejaculatório e masculino do termo, páginas que valem tanto para a sexualidade feminina como para a sexualidade desses homossexuais. É de uma similaridade espantosa com o que é hoje a sexualidade homossexual nos Estados Unidos.

Esse novo avanço permite afastar-se verdadeiramente dessa ideia, que decerto foi estrategicamente interessante, de que a homossexualidade masculina teria uma relação fundamental com a feminilidade. Hoje em dia, sem dúvida, é preciso tomar distância quanto a essa ideia. E, conseqüentemente, tentar pensar a homossexualidade como certa relação ao corpo e aos prazeres que não se torna inteligível por referência à feminilidade.

Vê-se, igualmente, na publicidade e na moda, por exemplo, a que ponto a feminilidade é uma invenção do homem para o homem através da

⁶ Em inglês no original [N.T.].

mulher objeto. Afinal, nada há de mais feminino que um travesti. Verifica-se isso na fascinação de certos homens ao descobrirem, através da gestualidade desmistificadora do travesti, todos os estratagemas do que acreditavam ser feminilidade pura. É como a projeção fora de si de uma fantasmática que mudou de objeto.

Sim, exatamente.

Mas esses atributos masculinos americanos de que você falava são, aqui, os dos valentões⁷, que não poupam agressividade quanto a nós.

Sim, mas até onde sei, porque as coisas mudam depressa nos Estados Unidos. Há dois anos, eu estava na Califórnia e nunca me pareceu que lá houvesse um conflito entre os homossexuais portadores de capacetes e jaquetas e o equivalente aos valentões do outro lado do Atlântico. O que efetivamente é mais intrigante em Paris é que você bem sabe que um rapaz não pode passear à noite em certos quarteirões com um *perfecto*⁸ sem ser objeto de agressões por parte de valentões que lhe perguntam com que direito ele se veste desse jeito. Nem é preciso dizer que se os valentões em questão suspeitarem que ele é homossexual, não apenas o *perfecto* será roubado como o rapaz irá voar em pedaços. Temos, aqui, esse difícil problema entre os homossexuais e essa marginalidade visivelmente agressiva. Na França, é uma tradição que os homossexuais sejam espancados. Houve um tempo, por exemplo, em que não eram os valentões, mas os militares que davam serviço na caserna Duplex que,

⁷ No original, *loubards* - palavra que, segundo o Robert, tem relação com *balourd* (desequilibrado, no sentido de antissocial), além de indicar o pertencimento a um bando (ganguê/galera/bonde etc.) [N.T.].

⁸ Nome do modelo de jaqueta de couro criado em 1928 por Irving Schott, eternizada por Marlon Brando no filme *The Wild One* (*O selvagem*, 1953), tornando-se, desde então, símbolo do motoqueiro “durão” [N.T.].

à noite, iam azucrinar os veados no Champ-de-Mars. Era a distração: ir perturbar um veado. Creio que esse problema ainda não foi nem bem nem suficientemente abordado. Não sei se há, nos movimentos homossexuais, um debate amplo o bastante sobre essa questão.

Verdadeiramente, não. Sempre houve, entre os valentões, essa fascinação-repulsão pelos veados. E, nos grupos de valentões constituídos sobre um desejo homossexual latente, vai-se procurar o exutório fora do bando. Qualquer um que não seja, sobretudo, eles próprios. No movimento homossexual, só é discutida a questão da autodefesa. O problema de fundo é o da agressão entre homens e ele não está resolvido.

Um movimento como “Marge”⁹ nunca levantou esse problema?

Não creio.

Parece-me que deveria. Afinal de contas, pedir que os veados se interroguem sobre as razões que fazem com que os valentões os ataquem é interessante, mas um pouco especulativo (risos).

Tenho um amigo no subúrbio que emprestava o apartamento aos valentões de sua cidade, os quais, nessas condições, transavam entre eles. Isso permitiu que ele abordasse a questão da homossexualidade e fizesse com que parassem de perturbar os veados.

Quantas vezes foi necessário que eles se enrabassem para chegar a esse resultado maravilhoso? (risos)

⁹ Marge: título da publicação de um opúsculo libertário de mesmo nome, marcado pela “verdade revolucionária”.

Em que medida a prática das saunas é uma confrontação de seu corpo com o dos outros?

(risos) Ah! Creio que já falamos disso. Há inicialmente minha surpresa quanto à frequência com que se pode ler, e não apenas na França, aliás, críticas contra tal ou qual prática sexual: viver maritalmente com um rapaz não, porque é burguês. Fazer amor furtivamente nos mictórios tampouco, é aceitar o gueto burguês. Em terceiro lugar, entrar numa sauna e se envolver com gente de quem sequer se sabe o nome, com quem não se troca nem uma palavra...

É consumo.

É consumo e, conseqüentemente (risos), é o mundo burguês. Bom. Tudo isso me parece um pouquinho ingênuo. Todas essas coisas, por definição e como em todo o resto, não têm sentido senão estratégico. É estrategicamente importante viver da forma mais explícita com alguém que se ama, trate-se de um jovem se se é jovem, de um homem adulto se se é um homem adulto, de um velho se se é um velho. É estrategicamente importante, quando se encontra um rapaz na rua, abraçá-lo e, eventualmente, fazer amor com ele, no meio de um bosque caso se tenha vontade. Da mesma maneira, digo que é importante que haja lugares como as saunas, onde, sem ficar preso, aprisionado na própria identidade, no próprio estado civil, no seu passado, no seu nome, no seu rosto etc., seja possível encontrar pessoas que estão lá e estão para você como você está para elas, nada além de corpos com os quais as combinações, as fabricações de prazer mais imprevistas são possíveis. Isso faz parte, em definitivo, de experiências eróticas importantes, e eu diria que é politicamente importante que a sexualidade possa funcionar desse jeito.

É simplesmente lamentável que não haja lugares assim para a

heterossexualidade. Afinal, por que não seria maravilhoso, para os heterossexuais que o quisessem, no meio do dia ou da noite, poder entrar em um local dotado de todos os confortos e de todas as possibilidades (risos), de todo o bem-estar que se possa imaginar? E lá encontrar corpos ao mesmo tempo presentes e fugidios? Lugares nos quais a gente se dessubjetiva; isto é, se dessujeita de uma maneira, eu não diria a mais radical, porém em todo caso de uma forma suficientemente intensa para que esse momento seja importante, finalmente.

Poder-se-ia inclusive dizer que é subversivo, na medida em que jamais se está mais aprisionado do que por si próprio, e portanto, nesse caso, surpreendido na própria ideia que se tem de si mesmo por sua identificação sexual, pelas codificações que foram dadas ao prazer que se quis ter. Anônimo numa sauna se está livre para se despossuir disso também. Achando-se os outros na mesma situação, podem nos ocorrer coisas quanto a nossa própria relação a nós mesmos. Esse anonimato é subversivo.

Sem dúvida. As intensidades do prazer estão ligadas ao fato de alguém se dessujeitar, deixar de ser um sujeito, uma identidade. É algo como uma afirmação da não-identidade. Não só porque se deixa o cartão de visita no vestiário, mas porque a multiplicidade de coisas possíveis, de encontros possíveis, de amontoamentos possíveis, de conexões possíveis faz com que, com efeito, não se possa mais ser idêntico a si mesmo. Pode-se inclusive dizer que, no limite, isso dessexualiza (risos). Dessexualiza no sentido em que esse momento constitui uma espécie de mergulho submarino suficientemente intenso para que se saia dele sem desejo, no sentido estrito e no bom sentido do termo, simultaneamente. Sem nada desse apetite e sem nada desse tormento que eventualmente se conserva mesmo depois de relações sexuais relativamente satisfatórias.

Além disso, é importante saber, seria preciso saber, por fim, que não importa onde, não importa em que cidade for, há sempre uma espécie de grande subsolo, aberto a quem queira, no momento em que o queira, uma escadaria que basta descer (risos); em suma, um lugar maravilhoso onde se fabricam, durante o tempo que se queira, os prazeres que se queira¹⁰.

Isso também permite perceber até que ponto as cristações sexuais podem provocar estragos em muitas vidas. A heterossexualidade pode estar mais sujeita a essas inquietações porque não dispõe desses lugares, dessa possibilidade de regenerescência.

Você sabe, quando a gente se preocupa com esses heterossexuais infelizes, que não têm senão sua mulher, a amante ou a prostituta... (risos)

Na melhor das hipóteses!

Na melhor das hipóteses. Você sabe, eles são lastimáveis. De qualquer forma, há mesmo aí uma experiência importante.

Falemos de boates. Também já discutimos isso. Não são elas uma reafirmação de papéis, do dinheiro? Elas são bem menos importunadas pela polícia do que os parques ou as saunas. Não falarei de gueto, porque a fraseologia militante mete no mesmo saco os lugares regeneradores e os lugares de alienação. O que você acha disso?

Nesse caso, eu não acompanharia você. Certo, acabo de fazer o elogio

¹⁰ A descrição feita por Michel Foucault corresponde ao Continental, sauna no subsolo, a maior da Europa, situada não muito longe da Ópera de Paris.

da sauna (risos). Mas eu não gostaria de fazer a crítica de coisa alguma. Não creio, em todo caso, que se precise dizer que a sauna é boa, mas a boate não. Afinal de contas, as boates, você sabe...

No Japão, por exemplo, elas existem. Há mesmo milhares. Em Tóquio, em Kioto. Pequenas boates onde não cabem mais do que cinco ou seis (risos). Lá não se faz grande coisa: a gente se senta em um tamborete, tagarela, bebe, se embriaga. De fato, há poucas possibilidades de encontro. A chegada de um estrangeiro ou de qualquer um que não seja um frequentador habitual é um acontecimento porque geralmente são os frequentadores habituais, ou sempre as mesmas pessoas, que se encontram. Há ali uma espécie de vida comunitária que, numa sociedade como a do Japão, é importante, porque o casamento é uma figura obrigatória. À noite, então, eles vão à sua boate para encontrar sua pequena comunidade um pouco móvel, com seus fiéis e seus usuários. Então, no fim das contas, por que uma boate não seria divertida?

É certo, e isso vale também para as saunas, que sobre esses lugares se ramifica toda uma extorsão: econômica, policial, canalha, que modifica em muito o sentido positivo que esses lugares poderiam ter. A isso vem igualmente se superpor toda uma série de comportamentos que se pode qualificar de “teatro homossexual”: as pessoas vêm se mostrar por sua beleza, pela beleza de seus amantes, para mostrar aos outros seu desdém, para marcar distâncias, para serem vistas etc. “Olha-me, mas baixa as patas”. Ou então: “Como ousas me olhar, eu que não tenho qualquer vontade de te dirigir um olhar?”.

Mas uma boate é uma boate, e a parada homossexual também se encontra nos locais de pegação. O problema é saber como reverter estrategicamente o funcionamento desses lugares. Não sei como isso se passa em Paris, mas certamente dois bravos rapazes que queiram abrir uma boate não o poderão fazer sem que a polícia os constranja, finalmente, a serem uma ramificação da máfia. A polícia não suportaria

que uma boate homossexual não tivesse ligações, de uma forma ou de outra, com o submundo.

E é muito fácil fazer entrar um menor que não parece ser menor e fazer uma batida um minuto depois.

Pois é.

No plano legislativo, Caillavet fez uma proposição¹¹, votada pelo Senado em junho último. Ela deverá ser submetida à Assembleia em setembro. Você subscreveu esse projeto. Finalmente chegaremos a uma liberação de costumes e, particularmente, da homossexualidade?

Mais importante é o projeto de reforma do código penal, que está finalizado e acaba de ser depositado na secretaria do governo. Telefonei esta manhã e me disseram que desapareceu qualquer discriminação entre homossexualidade e heterossexualidade. Isso vai muito mais longe do que a supressão da emenda Mirguet. Não sei quais são as outras cláusulas. Você sabe que eu fui consultado sobre essa reforma, juntamente com

¹¹ Em 1960, o deputado Paul Mirguet (1911-2001), membro da UNR, aprova uma subemenda ao Código Penal francês com o objetivo de fortalecer “todas as formas de luta contra a homossexualidade”. De um só golpe, esta subemenda (mais conhecida como “emenda Mirguet”) incluía a homossexualidade na categoria dos “flagelos sociais” e a discriminava da heterossexualidade no que concerne à “afronta pública ao pudor”, imputando aos homossexuais multa de maior vulto quando julgados culpados. Dezoito anos depois, o senador de extrema esquerda Henri Caillavet (1914-2013) intercede através da proposição nº 261, com o propósito de revogar os pontos específicos do Código Penal (alínea 2 do artigo nº 330 e alínea 3 do artigo nº 331) que legitimavam, respectivamente, a distinção de pena (agravo da punição aos atos “antinaturais” [*contre-nature*], isto é, homossexuais) e a discriminação da maioria sexual (15 anos para heterossexuais e 21 anos para homossexuais). A respeito desta querela jurídica, ver “A lei do pudor” [*La loi de la pudeur*], transcrição do programa de rádio *Dialogues* com a presença de Michel Foucault, Jean Danet, Pierre Hahn e Guy Hocquenghem, In: FOUCAULT, Michel. *Dits et écrits II 1976-1988*. 2. ed. Paris: Gallimard, 2001. Texto nº 263, pp. 763-77 (ed. brasileira: Ditos e escritos IX, 2014, pp. 88-103) [N.T.].

Schérer e Hocquenghem, na parte concernente à “legislação sexual”¹². Não é simples, porque não há, em teoria, uma “legislação sexual”. Mas, no cerne de tudo isso, havia o problema do estupro e da idade de consentimento. De minha parte, eu não compreendia como jovens que veem o que veem nas paredes da escola, ou na televisão, ainda pudessem ser considerados menores sexualmente. Para minha surpresa, a comissão não ficou chocada de que tivéssemos avançado a faixa etária para a idade de 13-15 anos, como na Escandinávia¹³.

Penso que, em uma evolução como a que assistimos hoje, o que se está descobrindo é o custo extraordinário que representa o exercício de um poder, digamos, repressivo. Decerto se conhecem os trabalhos da Trilateral¹⁴ sobre os custos da democracia e o que custa ter uma sociedade permissiva. É verdade que se faz esse cálculo. Mas se o faz igualmente em outro sentido. E o custo de um poder repressivo é, apesar de tudo, muito elevado. Não só custo econômico, mas igualmente a irritação das pessoas, dos seus próximos, face à intolerância. Essa intolerância irrita os movimentos atuais de liberação assim como a agitação intelectual que, também ela, tem seu papel. O que faz com que o custo político da repressão também aumente.

Digamos as coisas cruamente: por que fazer dos homossexuais

¹² Militantes e escritores, Schérer e Hocquenghem empreenderam esta e outras batalhas juntos, publicando obras em co-autoria. Estiveram na origem, em 1976, da petição “Por uma outra legislação sobre a sexualidade dos menores”, assinada por Barthes, de Beauvoir, Bory, Chéreau, Deleuze, Guattari, Guérin, Guyotat, Kouchner, Sartre etc., publicada em *Libération* em fevereiro de 1976.

¹³ Ver, quanto a isso, a transcrição de um debate sobre o assunto entre M. Foucault, Jean Devet e G. Hocquenghem, publicado em *Recherches* número 37.

¹⁴ Alusão à *Comissão Trilateral*, organização privada criada em 1973 com o objetivo de promover a cooperação política e econômica entre a Europa Ocidental, a América do Norte e a Ásia do Pacífico. Inspirada pela doutrina mundialista, esta organização reúne centenas de personalidades dos mais diversos domínios (homens de negócios, políticos, “intelectuais” etc.). Ocasionalmente, atribui-se a esta comissão papel decisivo na orquestração da mundialização econômica desde então [N.T.].

inimigos? Qual seria a vantagem de uma sociedade que perseguisse os homossexuais? A natalidade? Na época da pílula? A luta contra a sífilis? Os tecnocratas e os príncipes que nos governam, se não são maliciosos, tampouco são imbecis e sabem muito bem que a luta contra a sífilis, por exemplo, não passa pela repressão de tal ou qual categoria de indivíduos, mas por campanhas de informação. Em certas saunas americanas, por exemplo, há pequenas mesas de consulta na entrada, que permitem saber onde se está. Com efeito, esse é o único meio. Uma racionalização do exercício do poder não passa necessariamente por um aumento da repressão, pelo contrário. Essa repressão teve um alto custo político e se arrisca a custar ainda mais no clima atual, com todos os movimentos que percorrem a sociedade. É, pois, bem mais interessante tentar fazer com que as pessoas aceitem as taxas de sobredesemprego às quais estão expostas, e ainda estarão por anos e anos, do que importuná-las com perseguições a homossexuais nas boates ou nas moitas. Há muito se sabia, mas agora isso se especifica: o poder tem um custo. Exercer o poder não é um benefício nítido. Cada vez que se comete um ato que é exercício de poder, isso tem um custo, e não apenas econômico.

Tradução do francês por Eder Amaral e Silva e Heliana de Barros Conde Rodrigues.